



SENTIDOS DA EXPERIÊNCIA ESCOLAR DE JOVENS ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO DA CIDADE DE CAXIAS DO SUL – UM OLHAR CRÍTICO EM RELAÇÃO A ESCOLA

Vitor Schlickmann – UFSM

Resumo: Este trabalho apresenta reflexões acerca dos sentidos da experiência escolar atribuídos por estudantes de Ensino Médio. A coleta de dados realizou-se em três escolas de Ensino Médio, sendo duas da rede pública estadual e uma da particular, na cidade de Caxias do Sul, RS. A coleta de dados ocorreu por meio do uso da internet, mais precisamente o uso do e-mail. Da análise dos dados se destaca, nesta pesquisa, as relações dos jovens com a experiência escolar e os diferentes movimentos que os mesmos fazem no seu dia-a-dia, frente ao modelo de escola que se apresenta. Diante disso, procurou-se discutir, sob o enfoque sociológico, as condições da cultura juvenil, contrapondo aos modelos institucionais de ensino, pois estes trabalham na perceptiva de um aluno que advém as suas possibilidades, ignorando o mesmo em relação ao seu papel enquanto estudante, ator social, sujeito e trabalhador. Por fim, a maior experiência apresentada por eles se dá na expressão do ir à escola, com o propósito de terminar esse ciclo de ensino - passaporte para o ingresso no mundo do trabalho e no vestibular.

Palavras-chave: Educação, Ensino Médio, Juventude.

O Contexto e os colaboradores da pesquisa

Este trabalho tem por base uma pesquisa empírica que foi realizada em três escolas de Ensino Médio, duas públicas e uma privada, da cidade de Caxias do Sul/RS. Por sua natureza, a pesquisa não selecionou os alunos nas turmas, ou seja, a participação ocorreu de forma voluntária. Esta pesquisa apresenta cunho sócio educacional pela diversidade dos contextos, contudo, os alunos que se dispuseram a colaborar não possuem nenhuma representatividade estatística, mas servem para fundamentar os objetivos propostos na pesquisa.

As escolas públicas, nas quais se realizaram a pesquisa, encontram-se em bairros distintos da cidade. Uma delas atende a um público de periferia com baixa renda familiar; a outra escola localiza-se em bairro próximo ao centro da cidade e seu entorno está formado por famílias de classe média. A terceira escola pertence ao sistema de ensino privado e atende mais a alunos pertencentes a famílias de classe alta.

A partir de minhas experiências e das incursões oportunizadas na área educacional e do desejo em intensificar os diálogos sobre as experiências juvenis e conhecimentos escolares, busquei pesquisar em que medida os jovens estabelecem relações de sentidos quanto à experiência escolar vivida no Ensino Médio. Desse modo, o presente trabalho teve como

objetivo geral analisar os sentidos atribuídos pelos jovens em relação à sua experiência escolar no Ensino Médio.

Esta pesquisa, além de buscar um conjunto de informações sobre o sentido da experiência escolar dos jovens em relação ao modelo de escola de Ensino Médio, buscou também informações acerca das motivações apresentadas em frequentar a escola. Cabe salientar que tal proposta não teve a perspectiva salvacionista da escola, nem de desqualificá-la, mas sim, a partir das informações apresentadas pelos jovens, propor um debate sobre as práticas escolares, considerando os saberes da experiência dos jovens em seus múltiplos trânsitos (Stecanela, 2010).

Quando se expõe a questão sobre os sentidos e as experiências no Ensino Médio, por óbvio que encontramos referência a processos educativos para além do espaço escolar e, portanto, para aquilo que os jovens aprendem fora da escola. Porém, a escola enquanto instituição responsável pela socialização e instrumentalização para o mundo do trabalho e da cidadania – como é saliente no arcabouço político nacional e legal - parece que requer uma hegemonia, a qual “produz” a tendência de pensar os jovens apenas em relação aos seus processos de aprendizagem típicos de escolarização. Dessa maneira, a juventude enquanto invenção da Modernidade é aquela que a escola “formata” e prepara para a vida adulta. Nesse ínterim, as culturas juvenis constituem-se como campo fértil para pensar e repensar as práticas escolares nas instituições, as quais estão centradas na plena formação do indivíduo.

1. Os horizontes metodológicos

A metodologia deste trabalho teve como embasamento teórico a pesquisa de Esteves - *Estar no papel: cartas dos jovens do ensino médio* (2005) e a tese de Benette - *Processos de Singularidade e Diferença no Ato Educativo: um trabalho a partir do ensino-aprendizagem de Filosofia no Ensino Médio* (2003), os quais tiveram como recurso metodológico a escrita de cartas.

Assim, a partir da experiência apresentada nos trabalhos dos autores mencionados é que se pensou no desenvolvimento desta pesquisa. Considerou-se como recurso metodológico de pesquisa para a coleta dos dados trabalhar com as escritas dos alunos, que foram convidados a escrever mensagens na forma de *e-mails*. Diante disso, foi dada como atividade aos jovens a seguinte proposta: *Um amigo de que você gosta muito lhe manda um “e-mail” em que escreve que irá mudar para a sua cidade e pretende cursar o Ensino Médio na sua escola. Para tomar essa decisão, ele resolveu saber o que você pensa sobre a escola em que*

você estuda. Ele deseja saber quais os aspectos positivos, como se dá as relações no ambiente escolar, como é a escola, como são os professores, o que é importante ele saber, o que você considera menos importante, o que precisa fazer para se dar bem nos estudos. Ele conta com sua sinceridade nas respostas e espera ansioso para tomar uma decisão. Você pode escrever o “e-mail” de resposta utilizando nomes fictícios para você e seu amigo.

A proposta foi que os mesmos descrevessem seus posicionamentos a respeito do universo escolar, estabelecendo a partir das próprias experiências suas impressões, anseios, desejos, olhares, críticas sobre a escola de Ensino Médio. Conforme Esteves (2005), é a partir da reflexão sistemática vivenciada pelos jovens estudantes de Ensino Médio, que se poderá lançar outro olhar e, conseqüentemente, produzir reflexões e assumir novos posicionamentos.

A construção da pesquisa através do registro escrito nos *e-mails* visou analisar e identificar a escola de Ensino Médio atual. Para tanto, faço aqui uso de alguns referenciais bibliográficos em que a escrita configurou como metodologia. Assim, a justificativa pela mesma se dá a partir dos trabalhos de Benetti (2003), Esteves (2005), Camargo (2000), Morais (2006), Salva (2008), Cunha (2007), Stecanela (2010).

O uso do *e-mail* tem sido um recurso pouco utilizado nas pesquisas qualitativas, embora alguns estudos deem conta de que mais recentemente seu uso venha crescendo. Segundo Vieira, Castro e Schuch (2010), atualmente a *Internet* está presente na vida de uma parcela significativa de brasileiros, e é principalmente utilizada pelos jovens, que são em grande parte estudantes.

Segundo Garbin (2009, pág. 32),

Não há dúvidas de que a internet, se olharmos sob o foco das identidades, converteu-se num ‘laboratório’ para a realização de experiências com construções e reconstruções do ‘eu’ na vida pós-moderna, por que, na realidade virtual, de certa forma moldamo-nos e criamo-nos a nós mesmos.

Segundo a autora, a *internet* se tornou um imã para os jovens que dela fazem uso, inicialmente como uma máquina de comunicar e instrumento de demarcação de fronteiras, tornando-se um objeto a ser incessantemente usado, louvado, teclado, cabendo a ela infinitas de opções.

No trabalho em foco, escrever *e-mails* configurou-se como uma possibilidade de narrar às experiências vividas na etapa do Ensino Médio, estabelecendo-se como principal fonte primária de informações para essa investigação. A fim de orientar as análises estarei denominado as escolas da seguinte maneira: Escola Estadual São Caetano – ESC, Escola Estadual João Triches – EJT e Colégio Mutirão – CM.

Para a análise dos dados, levou-se em conta a análise de conteúdo – através da utilização de algumas categorias e que aqui será a apresentada às questões relativas à escola (*enquanto instituição de ensino, estrutura, infra-estrutura física e gestão*). Segundo Bardin (2010), a análise de conteúdo é um conjunto de instrumentos metodológicos em constante aperfeiçoamento, que se aplica a discursos (conteúdos e continentes) diversificados. Tendo como principais características analisar na mensagem o que está contido, mesmo esta sendo pessoal, mas que pode ser partilhada por outros, e segundo, confirmar o que se procura demonstrar a propósito das mensagens, ou pelo esclarecimento de elementos de significações susceptíveis de conduzir a uma descrição de mecanismos de que *apriori* não possuímos a compreensão (BARDIN, 2010).

Como a experiência é individual, mas construída socialmente no jogo das relações com outras vinculações sociais, a mesma foi captada através da atividade dos grupos que testemunham uma condição comum e socialmente situada. Portanto, foi através dos três grupos distintos de alunos das escolas – grupos esses de certo modo homogêneos de alunos que, descreveram, contaram, expuseram suas escolhas, estratégias, emoções a partir daquilo que os constituem e os unem.

A análise das questões relativas à experiência escolar serão feitas a partir das contribuições de Dubet (1994), Dubet e Martuccelli (1998), Pais (1993), Abrantes (2003) e Vale (2007), pois segundo os autores a experiência não é somente social, na medida em que é partilhada por grupos, por que ela também se define por relações sociais que liga e opõem por exemplos diferentes alunos e professores dos diferentes estabelecimentos.

3. A escola enquanto instituição de ensino, estrutura e gestão e infra-estrutura física

O processo de escolarização pode-se afirmar que, se dá de modo contextualizado, o mesmo possui uma estrutura, ou seja, uma forma de ser escola, a mesma é representada pela cultura escolar, pelo currículo, das políticas sobre a educação e gestão, e de outra parte pode-se afirmar que a mesma é interativa, portanto, está em constante e permanente processo de construção, a mesma é cercada por tensões e influências de toda sorte. Disso resultam as diferentes estratégias estabelecidas no interior da mesma, os saberes que se evidenciam e as competências que são constituídas a partir dessa, como as diferentes culturas que são construídas e incorporadas, os resultados almejados e, por conseguinte alcançados, resultando nas experiências vividas. Para Abrantes (2003), essas diferentes dinâmicas de escolaridade acabam por interagir entre si, constituem e dão sentido ao que se denomina de *experiência escolar*.

3.1 Estrutura e Gestão

A escola enquanto instituição de ensino presencia em seu cotidiano diferentes forças ora de mudança, ora de resistência à mudança que acabam por denunciar as contradições entre o discurso normativo e a prática do dia-a-dia, nomeadas de dinâmicas de escolaridade. Se de um lado está à instituição com sua organização/estrutura/gestão de outro está os seus discentes com seus diferentes movimentos, dinâmicas de participação, integração, dissidência ou adesão. Desse modo, se de um lado estão os jovens que frequentam a escola de outro o que esperam da instituição escola. Segundo Abrantes (2003) as escolas se tornaram palco de tensões entre diferentes tendências imobilistas e projetos inovadores tanto para a integração como pressões para a exclusão. Essas questões ficam evidentes a partir do depoimento que segue:

Meu amigo, caso, você esteja a procura de uma escola que lhe ofereça um grande conhecimento e bons professores, sinceramente não recomendo vir para esta escola, pois (...) dentro da sala de aula os alunos tem que calar a boca e ficar quietos por que a professora que tem razão, o aluno está sempre errado, e a nossa opinião não vale nada, se somos nós quem fizemos a escola, nós sim que deveríamos ter liberdade de expressão e infelizmente na maioria das vezes não temos (aluno da EJT).

As tensões que emergem no cotidiano da escola podem ser observadas a partir das discussões da microssociologia, tomando “*como base de incidência os contextos vivenciais dos indivíduos*” (Pais, 1993, p. 60), sem a pretensão de responder a complexidade que insiste no sistema educacional, mas, tão somente produzir um olhar e compreender os diferentes movimentos intra-escola, movimentos esses de inovação, mudanças, de participação e adesão dos jovens, que contrapõe diretamente a cultura escolar formal que nela predomina, provocando na maior parte das vezes o afastamento dos jovens conforme segue, ou na melhor das vezes uma adesão distanciada.

Eu estou no 3º ano do ensino médio, quero ser uma psicóloga de sucesso, formar uma família, ser financeiramente bem de vida enfim tudo que uma adolescente, que já trabalha quer na vida. A escola em que eu frequento não tem uma ampla visão perante os alunos, eles rotulam os alunos de uma maneira que todos são tratados de uma só forma, e isso não é nem um pouco legal, pois muitas vezes professores que deviam incentivar os sonhos matam à eles. A direção é manipuladora e elas fazem com que os alunos se sintam menores que elas, e nem sou uma daquelas que vivem na direção, sou uma boa aluna, faço meus deveres de casa, não sou bagunceira, só um pouco agitada, mas nada que leve a direção. Nós alunos sentimos quando a direção está manipulando, só o que falta elas fazerem é olhar nos nossos olhos e

dizer "Eu sou autoridade, fica quieto senão chamo teus pais", isso é ridículo somos nós que fizemos a escola como eu disse anteriormente (aluna da EJT).

Conforme o depoimento acima existe no interior da escola uma pressão grande e uma forte postura de assegurar a moral por parte da equipe diretiva, no entanto esse moralismo presente pode despotencializar possíveis iniciativas de envolvimento dos jovens em ações educativas. Se, de um lado o modelo de escola republicana conforme Dubet (1996) e Durkheim (2001), era cuidar da educação moral dos alunos e transformá-los em cidadão útil como forma de prevenção de desvios e conflitos sociais que ameaçava a sociedade e os ideais liberais, isso não cabe a uma geração que apresenta uma cultura totalmente antagônica daquela programada institucionalmente pela modernidade.

Esses conflitos ficam evidentes principalmente nas duas escolas públicas, no entanto, esse discurso normativo da política pedagógica, dos princípios da gestão democrática, do fortalecimento das instâncias de participação, de decisão, de valorização da escola enquanto espaço de formação humana, do respeito à pluralidade cultural e transformadora da educação para a cidadania não se constitui de modo efetivo.

Bom, como eu estudo nesta escola desde a quarta série do ensino fundamental, tenho um bom conhecimento da escola, e posso te dar um único conselho não venha estudar nesta escola, pois é uma escola realmente ruim! não há interesse de ninguém e possui más condições a todos e qualquer aluno. Onde que a direção recrimina as ideias dadas dos alunos e não deixa-os tomar iniciativa em nada que interesse a eles, como no fechamento do ano da escola (formatura) resolvendo tudo do jeito que eles resolvem não explicando direito e não argumentando as suas decisões, apenas comunicando isto não é apenas para assuntos relacionadas a isto mais sim a todos os assuntos de interesse dos alunos (aluna da EJT).

Neste depoimento acima fica evidente o conflito geracional e a falta de diálogo entre direção e alunos. Diante desse quadro, como podemos mudar essa situação e combinar de um lado liberdade do sujeito pessoal, o reconhecimento das diferenças entre os papéis a serem desempenhados no contexto pedagógico além das diferenças culturais e de outro lado às garantias institucionais que protegem essas liberdades e que não se sobressaia ou culmine num autoritarismo?

Se analisar essa questão verá que a resposta não se coloca de maneira pronta, no entanto, muito tem se discutido em termos de gestão escolar e de sua organização pedagógica e estrutura administrativa, na construção de ações horizontais de gestão, isso significa dizer que, o modelo de gestão que se apregoa é de participação efetiva na gestão democrática de todos os membros que compõem o sistema escolar, e aqui cabe destacar que os jovens

também reivindicam a inclusão e a efetiva participação nas decisões. Segundo Vale (2007, p. 136), os processos de socialização – influência da escola sobre os “jovens” – e de juvenilização – influência dos jovens “sobre a cultura da escola” – devem caminhar lado a lado, numa perspectiva de cidadania juvenil e de política de sujeito.

À medida que o jovem participa em instâncias decisórias da escola a mesma pode se tornar uma experiência escolar significativa na construção da sua identidade pessoal e social, tornando ele um ator social que se integra comunitariamente à vida da escola em nível mais estrutural – tomando parte da definição do sistema que integra – fazendo com que ele aprende e exercita habilidades e competências, além de recursos estratégicos de comunicação, negociação e mediação de conflitos e diferenças, e ao mesmo tempo se afirma como sujeito. Para Pais (1993), as participações dos jovens em instâncias de decisões se fazem necessárias e importantes, pois, é através das interações que os mesmos constroem formas sociais de compreensão e de entendimento, que se articulam com outras formas específicas e acabam tomando consciência das diferentes situações, percebem formas de pensamento diferentes além de diferentes percepções de ações.

Relatamos acima a falta de espaço e as reivindicações por parte dos alunos das escolas públicas no que refere a uma maior participação nas discussões e tomadas de decisões. Essa falta de espaço tem se repetido em diversos depoimentos. Por outro lado, na escola particular em relação a essa questão, conforme depoimento isso se constitui de modo diferente como segue:

[...] as atividades escolares são sempre organizadas pela coordenação do colégio com ajuda dos alunos, então sempre temos participação nos eventos, o que torna tudo mais divertido (aluno do CM).

Em primeiro lugar, esse depoimento vem ao encontro do que foi apresentado acima, favorecendo a participação dos jovens, sinaliza a disposição e posição dos alunos em relação à gestão da escola. Segundo ponto a destacar, promovendo a participação em eventos como o que segue, faz com que os mesmos se envolvam e ocupem lugares para além do espaço institucional. Por fim, em terceiro lugar pode-se afirmar que à medida que são desafiados a pensar a organização de eventos que extrapolam os muros da escola, deixa-os livres para exercitar a liderança perante o grupo que representa, conforme esse depoimento da aluna:

Duas experiências me marcaram muito. A primeira foi o Garoto e Garota Objetivo 2009, um concurso que participei. Ele tem entrevista escrita, pessoal, desfile, venda de ingressos e analisa as notas dos candidatos. Foi um aprendizado, a entrevista foi a minha parte preferida, porque receber perguntas de dez pessoas que me

analisavam o tempo todo foi uma sensação muito boa. Muitas pessoas odeiam isso, mas eu gosto e percebi que posso me superar em situações diversas. A outra experiência foi o Supergame 2010, uma gincana do colégio. Foi uma loucura, eu fui a capitã da nossa equipe que tinha 50 pessoas e me estressei por 40 dias, chorei, me irritei, xinguei, apaziguei brigas, dancei, encenei, enfim, fiz de tudo um pouco. Depois de tudo isso, o dia da culminância foi maravilhoso, deu tudo certo e nós ganhamos. (aluna CM).

Mas, como assinalado acima, cada jovem estudante experimenta a escola de maneira diferente, e de acordo com isso constroem formas diferentes de sentidos sobre a mesma em suas vidas, isso ocorre essencialmente de acordo com os objetivos que atribui a escola em suas vidas, como também, a incidência dos condicionantes sociais e a perspectiva que se tem com eles e a partir deles. Com isso, nem tudo na escola é ruim do ponto de vista dos estudantes em relação a equipe de gestão, vejamos algumas situações, “*A respeito da escola, ela é irada véio, e como muitos sabem, já foi eleita uma das melhores do Brasil maluco. Ótimas professoras, muito bem administrada pela atual diretora (...)*”, Para ela a escola se constitui como algo imprescindível, visto aos projeções de futuro. Ou quando a escola vai além da atuação intramuros e auxilia os estudantes em outras questões que acabam sendo valorizadas como:

A escola São Caetano me proporcionou muitas coisas durante esses anos aqui, sempre que precisei de ajuda, psicólogos, professores e colegas de aula me ajudaram. Sentirei muita falta e saudade daqui, porque foram momentos bons e ruins que não irão mais voltar. (aluna ESC).

Outro fator que cabe destacar é o contexto socioeconômico em que vivem nesse caso especificamente – de uma parte temos os alunos jovens voltados essencialmente para o preparo para o vestibular e de outra parte, temos os alunos que de acordo com as suas perspectivas – a única coisa que buscam na escola é a conclusão dessa etapa de ensino – vislumbrando o mundo do trabalho, como no depoimento:

Débi - meus objetivos em fazer o ensino médio são logicamente todos pensando no futuro, pensando em um bom emprego entende truta? A escola, o ensino médio em geral significam muito para mim mano, o importante é você saber que sem ensino médio você pode estar desperdiçando muitas oportunidades na sua vida, como tu mesmo já presenciou quando procurou teu primeiro emprego lembra? Os chefões chegaram e mandaram todos os neguinho que não tinham feito ou não terminaram o ensino médio para casa. Então a parada é que, estudar dá futuro, é promissor, e faz toda a diferença no mundo de hoje, estamos no século XXI que é o século da inteligência, só vencerão os melhores. Esta escola é ótima, mas se lembre que quem deve fazer a diferença é você, pensando no futuro. Com muita atenção seu chapa. Lóide! (aluno ESC).

No depoimento acima, a experiência é construída a partir das categorias do entendimento e da razão, dada as suas condições, cabendo ao indivíduo a sua maneira incorporar o mundo por meio das emoções e das sensações, dada pela atividade do qual estrutura o caráter de sua vida, (DUBET, 1994).

Pode-se constatar, a partir dos e-mail colhidos, que os jovens têm interesse em maior participação, porém, se de um lado a escola não oferece espaço, os mesmos se veem com dificuldades em construir ou em conquistar essa abertura.

Segundo Vale (2006, p. 140):

Assinalamos que não podemos estabelecer uma crítica dualista, opondo de um lado as propostas dos sociólogos da educação, da juventude e a dos educadores que lutaram décadas por uma educação libertadora, emancipadora e participativa, e de outro lado, os docentes e as escolas que contribuem em manter a cultura escolar tradicional. Dilemas e contradições atravessam as práticas dos educadores, dos alunos e dos pesquisadores, (...).

Talvez uma das causas desse engessamento no sistema de ensino se deve ao fato de que as formas de resistência dos jovens ainda são frágeis, tendo dificuldades em enxergar por que estão presos a um modelo de ensino em que, ensinar e transmitir conhecimento são sinônimos – ou seja, não passa de transformar os estudantes em um repositório de diferentes conteúdos.

Outro fator que pode contribuir para esse modelo perpetuar, está nos próprios jovens em se colocar no papel de aluno e esperar do universo adulto a delegação da autoridade e da competência, significa dizer que, os alunos acabam que incorporam certo conservadorismo, de modo inconsciente, pois esse sistema já está incorporado no imaginário social desde as suas relações primárias.

Quanto a essa questão, Perrenoud (1995, p.196), destaca que, no contexto da situação escolar, que os indivíduos/alunos, oriundos de classes sociais diferentes são também diferentes quanto a construção de sentidos e por conseguinte ao modo como se comunicam, desse modo existem muitos caminhos a serem experimentados, a saber:

(...), quando no decorrer de um debate nos apercebemos que, em vinte e três alunos, oito ou treze não disseram nada e não têm ar de quem está a ouvir, seria elementar não deixar passar o acontecimento sem procurar compreendê-lo. São sempre os mesmos que não participam? O grupo dos alunos passivos varia em número e em composição? Trata-se de dialogar com os alunos que são menos ativos, menos presentes na situação pedagógica, sem, contudo, os punir, mesmo simbolicamente.

Porém, o caráter instável de oposição vivido na escola entre alunos, professores e equipe diretiva, existe, faz parte, principalmente em se tratando de disciplina escolar, de

ordem, de regulação das ações. Se de um lado os alunos tecem críticas em relação à escola e suas regras, por outro, denunciam, criticam a tentativa de ordenamento, como na frase “*O colégio é um inferno na terra*”.

Outro aspecto apontado pelos alunos diz respeito às questões da relação do colégio com a comunidade do bairro, no que refere aos aspectos de preservação do colégio contra os possíveis ataques de vândalos. Aqui os alunos apontam como aspectos positivos a atuação da direção da escola que soube tratar isso com muito cuidado e a escola é vista como um local em que se sentem seguros e protegidos. Trata-se de demonstrar que o colégio é outro mundo, distinto do bairro por seus regulamentos, por um sistema de disciplina em que os mesmos estão obrigados a adotar condutas como corretas.

E hoje em dia de alguma forma me sinto mais segura estudando aqui, pois houve tempos em que vinham pessoas de outras escolas ou jovens que nem estudavam para arrumar brigas sem sentido com os alunos, muitas vezes motivados por assaltos, isso não acontece mais há uns bons anos, devido a vinda e a ronda de policiais e isso se tornou mais raro de acontecer, apenas conflitos entre alunos.
(aluno ESC)

Diante dessas situações a direção encarna a ordem e a disciplina, assim como já mencionado acima, ou como no depoimento que segue:

Caro amigo, caso queria mesmo estudar em nossa escola, fique com um pouco de preocupação pois a escola não possui bons ambientes e frequentadores. No início (...) era uma escola de boa qualidade e de frequentadores de um nível considerado bom por ser uma escola estadual, mas com o passar dos anos, ou seja, 4 anos a escola passou a ser mais conhecida por estudantes que queriam frequentá-la, degradando cada vez mais o nível da escola, tornando-a um ambiente com diversas pichações e deteriorando salas e matérias usados por tais (aluna EJT).

A tensão vivida no interior da escola entre os membros que a compõe, segundo Dubet e Martuccelli (1998, p. 205), não é uma guerra, por que nenhuma das partes é formada por uma rede de identificadores. Por uma parte as normas escolares exigem psicologicamente falando, um processo de identificação com o professor, que o faz atuar “bem” frente à classe, de outra parte, as normas vividas por um grupo de alunos, permitem construir sua independência, conferem reconhecimento ao grupo e perante aos demais agentes sociais. “*Pero e, salvo en casos extremos, es difícil concluir en la oposición radical entre ambos universos.*” No fundo ela é legítima para todas as partes.

3.2 Estrutura e infra-estrutura física

No trabalho de coleta dos dados da pesquisa, não havia o interesse em fazer uma cartografia das escolas, com isso, não procurei lançar o olhar para as questões que se colocam em relação a isso. Contudo, os espaços das escolas possuem uma dimensão simbólica importante. Se levarmos em conta a discussão apresentada pela sociologia clássica em relação aos espaços, pode-se dizer que este se apresenta como uma constante tensão. De um lado têm-se as diferentes dinâmicas estabelecidas no interior dos sistemas de ensino, de outro, como esses espaços são construídos socialmente pelas dinâmicas e como isso acaba refletindo na produção das identidades juvenis e, por conseguinte nas experiências dos estudantes (ABRANTES, 2003).

A arquitetura escolar também faz parte do currículo, desempenha função na aprendizagem e na formação tanto cognitiva como cultural dos estudantes. Ela pode ser considerada como parte do programa, constituindo uma espécie de discurso, dado a sua materialidade, representada pelo sistema de valores, ordem e vigilância, englobando valores e símbolos, éticos e estéticos, como também culturais e ideologias.

Muitos dos depoimentos mencionaram a estrutura física como algo importante e que de alguma forma se coloca como elemento da organização do espaço pedagógico. A descrição apresentada envolve os mais diferentes espaços da escola, por onde os estudantes circulam e serve como argumento para a experiência dos mesmos. Partindo desse princípio seguem alguns escritos dos estudantes para nos localizar em relação a esse aspecto.

A escola não é tão "moderna" tem alguns computadores mais não são muito bons, tem uma biblioteca, refeitório, o pátio da escola não é totalmente coberto, ou seja quando chove esquece a Ed. Física, a quadra fica toda molhada sem condições, bom já faz tempo que eles falam que querem arrumar mas, como o governo não manda dinheiro agente fica esperando. Agora estão fazendo uma obra no pátio para tentar melhorar as condições (aluna ESC).

Nesse depoimento, fica evidente, a insatisfação da aluna frente à estrutura física, e ao mesmo tempo, senso crítico da mesma, em relação aos gestores públicos, mas parece que tudo se ameniza, com algumas obras e reformas. Percebe-se aqui que, a má qualidade e o não atendimento dos requisitos mínimos é uma constante principalmente no sistema público. Contudo, a organização dos ambientes possui valores implícitos que acabam contribuindo para a formação de laços afetivos, sentimentos de identidade e de pertencimento.

Parece haver um consenso entre os estudantes em relação à estrutura física, os depoimentos vão à mesma direção. Embora alguns reconheçam o empenho em melhorar, a partir das reformas em curso, mas ainda tem muito que se fazer. Nesse depoimento acima fica

evidente que a organização do espaço escolar pode constituir um lugar de possibilidades ou limites.

A escola tem um bom espaço, está em boa localização para os alunos dos bairros próximos a ela. Em relação à estrutura da escola, não proporciona uma boa condição de aprendizagem, a sala de informática tem poucos computadores que estão funcionando, isso prejudica em pesquisas e trabalhos que poderiam ser realizados na escola economizando tempo e aumentando o rendimento escolar. Algumas das salas de aulas são pequenas para a quantidade de alunos que a escola abriga salas que cabem de 25 a 30 alunos estão acomodados 39 alunos, isso dificulta e muito o aprendizado. Alguns banheiros não funcionam estão trancados e estragados, apesar de terem sido os próprios alunos que os quebraram. (aluno ESC).

A falta de conforto, como mencionado acima, com a superlotação das salas, influi no desempenho dos alunos na sala de aula, tanto em termos de saúde como de aprendizado. Neste sentido, não basta garantir acesso à escola, se as mesmas não possuem estrutura física condizente com as necessidades. Diante disso, a organização espacial das escolas são afirmativos de poder que não possuem localização, não há um local fixo, mas a sua organização como tal, atravessa os corpos e se impõe como ato, ressaltando os efeitos institucionais sobre o indivíduo.

Neste ano entrou muita gente, e a escola não dispõe de um grande espaço físico para ter mais alunos (poderiam fazer mais salas de aula). Na hora do lanche, é um deus nos acuda porque o refeitório é pequeno pra tanta gente que vai lanchar (aluno EJT).

No entanto, para outros estudantes, a visão em relação à estrutura física é outra. Conforme segue o depoimento:

O João Triches é uma escola muito família, pelo que eu vejo. Não há crimes na escola, como se vê na tv, e etc. É uma escola bem organizada e segue acertadamente as regras de uma escola estadual de ensino médio (aluno EJT).

Pode-se dizer que a cultura escolar formal e burocratizada conserva a estrutura da escola, a mesma organiza os tempos e os ritmos escolares – as aulas seguem o seu ritmo, a mesma apresenta espaços comuns e ao mesmo tempo preserva a organização curricular das aulas em separado. É a partir desse e nesse lugar que são desenvolvidas as práticas pedagógicas, logo, deve proporcionar condições favoráveis ao bem-estar e conforto tanto para discentes como para docentes.

Selecionei alguns depoimentos que procuram mostrar a relação que os estudantes estabelecem com a escola particular em relação a infra-estrutura física. Parece que existem

alguns aspectos que já estão incorporados pela cultura estudantil, criando um clima amistoso, por certo que isso flui naturalmente, até pela escolha que se fez, ao optar em frequentar essa escola – frente ao número de oferta que a cidade possui.

Cara a escola onde eu estudo é muito legal. É uma casa antiga com estrutura muito boa (fora alguns adendos), o que dá um ar de "lar" e aconchego. (...), contudo têm uma boa infra-estrutura (aluno CM).

A escola aqui serve como espaço de aprendizagem, conforme os depoimentos o espaço fim da escola é a aprendizagem, isso resulta num bom relacionamento e na sociabilidade. Essas diferentes dinâmicas narradas pelos jovens constitui no que se pode denominar de proteção e dependência que estabelecem com a escola e sua proposta, proporcionando assim o que Perrenoud (1995) denominou de “excelência escolar”.

A escola em estrutura não é das maiores, nem das melhores, mas não nós falta nada. A cantina é boa, apesar de ser um pouco cara. (...) o colégio é meio pequeno, em quantidade de alunos, comparado aos demais da cidade e a mensalidade é acima da média, mas vale a pena, pois, os professores em sua maioria escutam suas opiniões e são atenciosos, a infra estrutura do colégio é muito boa também, mas o que falta é uma área para alunos fumantes (...)(aluno CM).

A partir dos depoimentos, pode-se dizer que cada escola tem sua própria estrutura física, ou sua geografia e que os diferentes espaços que nela se apresentam, configuram as diferentes interrelações que os usuários fazem dela, a partir de suas práticas. Dessa forma, a dimensão social do espaço pode ser visto como um grande movimento, e esses movimentos são constituídos por um conjunto indissociável de sistemas de objetos e que desencadeiam ações e isso varia de acordo com cada período histórico.

Considerações finais

Este estudo teve como perspectiva investigar os significados dos espaços educativos formais para a cultura juvenil, a partir dos referenciais simbólicos apreendidos na realidade vivida pelos jovens. Mesmo compreendendo que a cultura juvenil se caracteriza, entre outras coisas, por sua faceta nômade, tentou-se perceber como as imagens dos jovens sobre o ambiente escolar, ampliam ou reduzem as possibilidades da própria situação de crise na qual se encontra a escola. Nossa impressão quanto à temática pesquisada é que a mesma permite, certamente, ainda inúmeras reflexões. O desafio está posto e a necessidade de ampliar o

diálogo com os jovens do Ensino Médio exige a tomada de posição que esses não são meros adolescentes, mas sujeitos e cidadãos.

Ampliar o diálogo, pois, mesmo que o nível médio de escolarização seja entendido como passaporte para o mundo do trabalho, por exemplo, não elimina o reconhecimento que os jovens que estão na escola, estão “por um fio” nela e, afirmar isso pressupõe, igualmente, reconhecer que tal fio é constituído mais pelas convivências entre os pares e, mais um, espaço de manifestação de um tipo de cultura específico, do que pelas oportunidades que a escola pode lhe apresentar como fazer deles alguém na vida. Assim, mais que repensar, é necessário colocar em prática, no Ensino Médio, um permanente e renovado diálogo, na possibilidade de realização de um projeto de escolarização que abarque a vida de muitos jovens. E no desejo de não mais precisar ouvir que no ir para a escola, a coisa mais importante são os amigos ou, o pátio e/ou os corredores e, sim, que ir para a escola é satisfação, é lazer - com toda a força que essas palavras possam representar.

Uma conclusão que é inevitável de apresentar, por mais dura que seja, é em afirmar que a cultura juvenil ainda não é considerada importante no processo educativo dos jovens, primeiro por que não é reconhecida e, segundo, por que é vista como uma sub e/ou pseudocultura e, para alguns, ainda como não cultura. Daí, decorre que os jovens trazem a marca da insatisfação e que clamam que a escola e as políticas públicas repensem o modelo de ensino. Ainda que os depoimentos sejam fragmentos, os mesmos representam, contudo, sonhos, desejos e fazem refletir a possibilidade de mudanças de relações entre os diferentes segmentos que compõem o universo escolar. Assim, como apontam os jovens, pelo reconhecimento e respeito às diferenças é possível que se vislumbre o emergir de uma simetria na qual os estudantes tenham também oportunidade, não só de aprender, mas também de ensinar com suas experiências.

Referências

ABRANTES, P. **Identidades juvenis e dinâmicas de escolaridade**. Sociologia, Problemas e Práticas, n.41, pp.93-115, 2003.

_____. **Os sentidos da escola: identidades juvenis e dinâmicas de escolaridade**. Oeiras: Celta, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php>>. Acesso em: 08 set. 2010.

BENETTI, C. C. **Processos de Singularidade e Diferença no Ato Educativo: um trabalho a partir do ensino-aprendizagem de filosofia no ensino médio**. 2003. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Edições 70. 2010.

BRASIL. **Lei Federal nº 9394, de 1996**. Estabelece Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, MEC, 1996.

CAMARGO, M. R. R. M. de. **Cartas e Escrita**. 2000. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, 2000.

CUNHA, M. T. S. **Do Baú ao arquivo**: Escritas de Si, Escritas do Outro. UNESP – FCLAs, v. 3, nº 1, p. 1- 18, 2007.

DAYRELL, J. A escola como espaço sociocultural. In: Dayrell, J. (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

DUBET, F. **Sociologia da Experiência**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

_____. MARTUCELLI, D. **En la escuela**: sociología de la experiencia escolar. Buenos Aires: Losada, 1998.

DURKHEIM, E. **Educação e sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2001.

ESTEVES, L. C. G. **Estar no papel**: cartas dos jovens do Ensino Médio. Brasília: UNESCO, INEP/MEC. 2005. Disponível em: <<http://www.unesdoc.unesco.org>>. Acesso em: 05 mai. 2009.

GARBIN, E. M. **Conectados por um Fio**. Alguns apontamentos sobre internet, culturas juvenis contemporâneas e escola. In: Juventude e escolarização: os sentidos do Ensino Médio. Col. Salto para o futuro. Ano XIX boletim 18 – Novembro/2009.

MORAES, A. A. A. **Tarrafa de pescaria**: o uso de carta na pesquisa. Interface (Botucatu) vol.10 no.19 Botucatu Jan./June. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>> Acesso em: 02 out. 2010.

PAIS, J. M. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

PERRENOUD, Philippe. Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar. Trad. de Júlia Ferreira. Porto, Portugal: 1995.

SALVA, S. **Narrativas da vivência juvenil feminina**: histórias e poéticas produzidas por jovens de periferia urbana de Porto Alegre. 2008. Tese. (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

STECANELLA, N. **Jovens e cotidiano**: trânsitos pelas culturas juvenis e pela “escola da vida”. – Caxias do Sul, RS: Educs, 2010.

VALE, Z. M. C. **Encontros e Desencontros entre os Jovens e a Escola**: Sentidos da experiência escolar na educação de jovens e adultos. Belo Horizonte, Dissertação. (Mestrado em Psicologia) Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2007.

VIEIRA, H. C.; CASTRO, A. E. de; SCHUCH JR., V. F. O uso de questionários via *e-mail* em pesquisas acadêmicas sob a ótica dos respondentes. **XIII SEMEAD** – Seminários em Administração. Setembro 2010. Disponível em:
< <http://www.ead.fea.usp.br/semead>>. Acesso em: 15 nov. 2010.